DOI: 10.30612/rmufgd.v13i26.17915

MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD

(Re)Pensando a história da Amazônia guianense por meio de documentos nativos: as alianças e os aliados na II Guerra Mundial pela perspectiva *Galibi Marworno*

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Oiapoque, Amapá, Brasil
E-mail: esdras@unifap.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2050-7362

Daniel da Silva Miranda
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém, Pará, Brasil
E-mail: daniel.miranda@ifch.ufpa.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6172-5847

Resumo: O artigo analisa o histórico de disputas territoriais e tensões internacionais na região das guianas, exaradas das memórias coligidas no diário pessoal de muchê Koko Tavi (Manoel Firmino), um falecido escritor do povo Galibi Marworno. Em que pesem os particularismos culturais de narrar o vivido e as idiossincrasias do português indígena, propõe-se que o escrutínio das sobreditas memórias permite o acesso a uma perspectiva de contra-história ou antropologia-reversa, escrita nos termos indígenas. Nesse sentido, o texto apresenta nuances dos impactos da II Guerra Mundial na Amazônia caribenha, es-

pecificamente na região da atual fronteira franco-brasileira, situada na borda fronteiriça do município de Oiapoque/Amapá/Brasil. Partindo-se de uma historicidade autóctone, argumenta-se que a conflagração mundial acirrou o processo de colonização e "abrasileiramento" da antiga Guiana luso-brasileira através da ocupação territorial resultante da implantação de uma base aeronaval estadunidense na região, desvelando assim as relações entre a história e a memória local e a conjuntura geopolítica experimentada desde séculos de colonização nas fronteiras amazônicas.

Palavras-chave: contra-história; colonização; perspectivas indígenas; Amazônia caribenha; Segunda Guerra Mundial

(Re)Thinking the history of the Guyanian Amazon through native documents: alliances and allies during World War II, from the Galibi Marworno perspective

Abstract: The article analyzes the history of territorial disputes and international tensions in the Guyana region, based on memories collected in the personal diary of *muchê* Koko Tavi (Manoel Firmino), a deceased writer from the Galibi Marworno people. Despite the cultural particularisms of narrating the experience and the idiosyncrasies of indigenous Portuguese, we contend that such memories provide us a counter-history or reverse anthropology, written in indigenous terms. In this sense, the text presents the impacts of the Second World War on the Caribbean Amazon, specifically in the region of the current Franco-Brazilian border, located on the limits of the municipality of Oiapoque/Amapá/Brazil. Starting from an autochthonous perspective, we argue that the global conflagration intensified the colonization process and the "Brazilianization" of the former Portuguese-Brazilian Guiana through the territorial occupation resulting from the implementation of a US naval air base in the region, thereby unveiling the relationships between the history and local memory and the geopolitical situation experienced from centuries of colonization on the Amazon borders.

Keywords: counter-history; colonization; indigenous perspectives; Caribbean Amazon; Second World War

(Re)Pensando la historia de la Amazonía Guayana a través de documentos nativos: las alianzas y los aliados em la II Guerra Mundial desde la perspectiva Galibi Marworno

Resumen: Este artículo analiza la historia de las disputas territoriales y las tensiones internacionales en la región de las Guayanas, a partir de memorias del diario personal de *muchê* Koko Tavi (Manoel Firmino), fallecido escritor del pueblo Galibi Marworno. A pesar de las particularidades culturales de narrar la experiencia y la idiosincrasia del portugués indígena, se propone que el escrutinio de las memorias

mencionadas permite acceder a una perspectiva de contrahistoria o antropología reversa, escrita en términos indígenas. En este sentido, el texto presenta matices de los impactos de la II Guerra Mundial en la Amazonía Caribeña, específicamente en la región de la actual frontera franco-brasileña, ubicada en el límite del municipio de Oiapoque/Amapá/Brasil. A partir de una historicidad autóctona, se argumenta que la conflagración global ha intensificado el proceso de colonización y de "brasilianización" de la ex Guayana luso-brasileña por medio de la ocupación territorial resultante de la implementación de una base aeronaval estadounidense en la región, desvelando así las relaciones entre la historia y la memoria local y la situación geopolítica vivida desde siglos de colonización en las fronteras amazónicas.

Palabras clave: contrahistoria; colonización; perspectivas indígenas; Amazonía caribeña; Segunda Guerra Mundial

Recebido em: 15/01/2024
Aceito em: 24/06/2024

INTRODUÇÃO

> O dia envelhecia. A tudo o cheiro de morte velha [.] Para as coisas que há de pior, a gente não alcança fechar as portas (ROSA, 2006, pp. 352-353).

A irrupção de conflitos territoriais e potencial disputa bélica entre duas repúblicas da região do escudo das guianas, como alardeadas na mídia brasileira contemporânea, escamoteiam um processo de longa duração que diz respeito à produção de fronteiras arbitrárias no interior do mundo amazônico-caribenho, ao longo de séculos de história. Um vislumbre sobre a atual configuração geopolítica desenhada sobre o escudo das guianas nos permite a ilação de que o colonialismo realizou ali um primeiro experimento de partilha de territórios entre as nações europeias, o que fariam secundariamente no auge da corrida imperialista empreendida no século XX, quando da disputa por nacos do continente e das riquezas dos povos africanos, em meio às guerras mundiais – ou como estopim para elas. Essa constatação nos permite questionar a premissa defendida por Héctor Hernan Bruit (1987), de que a América não teria sido esquartejada como a África, muito embora o "esquartejamento" territorial nela tenha ficado mais restrito à porção amazônico-caribenha do continente, talvez em função do gigantesco amálgama territorial produzido nas Américas portuguesa e espanhola ao longo de séculos, antes que se levantasse de forma definitiva o grande retaliador estadunidense, bem como as demais potências imperialistas do século XX que operacionalizaram as guerras mundiais.

Isso posto, convém considerarmos que os marcos fronteiriços que denominamos arbitrários[1] somente se impõem na região do Baixo Oiapoque – extremo norte da Amazônia oriental brasileira – por força da guerra de invasão. Isso porque, à semelhança de qualquer outra fronteira colonial, as repartições dos territórios guianenses foram decididas em lugares de ultramar e sem consulta às territorialidades produzidas e constituídas por seus povos, a exemplo do marco produzido entre a Venezuela e a Guiana Inglesa, então arbitrada pela Secretaria de Estado do governo estadunidense, em 1895 (BRUIT, 1987). É ainda mais importante para nossa pesquisa/reflexão a fronteira entre Brasil e França arbitrada cinco anos depois pelo presidente da Suíça, Walter Hauser, nos idos do ano de 1900 (MEIRA, 1989).

É interessante assinalar que essa fronteira franco-brasileira, finalmente arbitrada há aproximados 120 anos, constituiu 730 quilômetros de borda fronteiriça contínua entre os dois países, perfazendo do alto ao Baixo rio Oiapoque (NASCIMENTO, 2018). Nesse sentido, o rio

1 Para a presente reflexão, considera-se fronteira arbitrária a "[t]entativa de abreviar este processo [histórico], transpondo certos traços das regiões centrais consolidados para a periferia, [o que] acarreta uma série de efeitos perversos que caracterizam as regiões de fronteira" (HEINSFELD, 2016, p. 25).

Oiapoque constitui a particularidade de fazer do Brasil o país que compartilha da maior faixa fronteiriça com a república francesa (CAVLAK, 2017), mesmo se considerarmos todas as outras possessões ultramarinas francesas.

A colonização dos territórios guianenses, demarcada entre fluxos e refluxos pelo clarim de diferentes máquinas de guerra euro-americanas, determinou a sujeição dos territórios de uma miríade de povos indígenas, que participaram da produção dos novos recortes territoriais engajando-se ora como aliados, ora como inimigos dos agentes coloniais, embora se trate de uma coparticipação no plural, irremediavelmente heterogênea.

Sobre os quadros de guerra e a violência ininterrupta que derivam da colonização em nível global, resultando na ausência de cidadania que é infligida às pessoas e populações a quem as novas nações deveriam proteger, Judith Butler demonstra que a violência legalizada e infligida pelo Estado está diretamente relacionada à perspectiva racista de que existem vidas consideradas valiosas enquanto outras não o são. Para a autora, as vidas supostamente descartáveis são expostas tanto à precariedade inerente a todos os organismos vivos quanto às políticas deliberadas de precarização de uma vida plena, visto tratarem-se de modalidades de vida supostamente "destrutíveis e não passíveis de luto" (BUTLER, 2018, p. 53). Na mesma elucubração, a autora demonstra que essa miríade de humanos e não-humanos classificados como "não enlutáveis"[2] podem e efetivamente são obrigados "a suportar a carga da fome[,] da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte" (BUTLER, 2018, pp. 45-46) – o que, no caso dos povos indígenas e afro-guianenses da região do Baixo Oiapoque, aponta para uma precariedade da vida racial e etnicamente diferenciada com frequência forcejada pelo esbulho territorial, combinado à manutenção de políticas e operações de direito racistas e racializadas que visam "maximizar a precariedade" (BUTLER, 2018, p. 15) do/no sujeito colonizado.

Nesse diapasão, surge a necessidade de (re)compor a história da colonização a partir de fontes mnemônicas e historiográficas outras, que não a própria produção eurocentrada. Nesse sentido, observa-se na literatura atual o desenrolar de um instigante debate latino-americano que se acha debruçado – de maneira teórica e metodológica – à seguinte questão: quando tratamos das particularidades da História Indígena, estamos nos movimentando no terreno dos indígenas na história, ou construindo uma história dos indígenas? A princípio, entendemos que tal indagação se refere a certas reticências e questões que ainda representam um campo em aberto dentro das Ciências Sociais, sobretudo quando se propõe algo que produz

2 Analisando a violação de direitos humanos produzida pela máquina de guerra estadunidense em diferentes lugares do mundo contemporâneo, a autora aponta para a ausência de indignação com a violência causada pela cotidianidade da guerra, o que demonstra a existência de um grande contingente de humanidade(s) que, estando vivas, não são consideradas/classificadas como vidas humanas plenas ou, nos termos da autora, vidas passíveis de pesar e luto por sua eventual eliminação. Sobre o assunto, consultar Butler (2018).

uma construção/manutenção do passado indígena. Tais pontos, segundo Manuela Carneiro da Cunha (2017), indicam uma ausência a ser preenchida especialmente – embora não de modo exclusivo – pelo múnus científico de historiadores e antropólogos, tendo em vista uma característica que perpassa a história dos povos colonizados ao redor do globo, qual seja, a ausência/o silenciamento de seus registros escritos.

A discussão ganha novos significados quando nos deparamos com os registros da contra-história ou, se quisermos assim conceituar, de uma modalidade de antropologia-reversa, tornada possível pelo trabalho de uma elite de pessoas indígenas que se aplicaram/aplicam à apropriação das ferramentas de domínio cultural do colonizador – a exemplo do código alfabético – na tentativa de organizar seu mundo e seu próprio lugar na história, segundo critérios epistêmicos próprios (VIEIRA, 2014). Aparentemente, foi a partir desse exercício de "se reassenhorear de si mesmo" e de seu lugar na história/mundo – proposição de Albert Memmi em direção ao sujeito colonizado (MEMMI, 2007, p. 177) – que os manuscritos do ancião indígena Koko Tavi[3] foram coligidos ao longo do século XX, guardando, no tempo presente, o potencial de permitir-nos o vislumbre de uma história Galibi Marworno[4], tida e havida em seus próprios termos, no caso de conseguir-se realizar uma tradução intercultural adequada. É assim que, para o presente artigo, acrescentamos, aos manuscritos indígenas, imagens e informações coligidas sobre a Segunda Guerra Mundial – no interior do Amapá –, talvez o conflito mais bem documentado da história global, tendo em vista o vigor da propaganda de guerra de ambos os eixos beligerantes.

Dos muitos registros constantes do diário indígena, nos concentraremos nas menções à Segunda Guerra Mundial, evento que parece ter marcado um profundo sulco na memória do povo Marworno, a julgar pelo que está posto nos manuscritos de Koko Tavi (Manoel Firmino). Também cumpre dizer que se visibilizam, nas entrelinhas dos manuscritos, questões tão amplas quanto os crimes perpetrados por agentes do Estado brasileiro contra os povos do Uaçá, em décadas de história; violências físicas e psíquicas resultantes da colonização religiosa, que inviabilizam as redes de parentesco até o presente; bem como o fenômeno dos indígenas urbanizados como resposta à pressão estatal, do qual o exemplo mais sintomático é o testemunho de vida do escritor Marworno.

3 Escritor/memorialista indígena cujo acervo pessoal inspirou o presente artigo. Koko Tavi foi detentor de registro civil brasileiro em que seu nome era Manoel Firmino, nascido em 1º de junho de 1953, na Terra Indígena Uaçá; e falecido em 23 de junho de 2016, na cidade de Oiapoque (Amapá, Brasil).

4 Povo indígena de origem *Karib*, atualmente territorializado na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque (Amapá, Brasil).

REGISTROS DAS GUERRAS MUNDIAIS NA MEMÓRIA INDÍGENA

Os registros do memorialista Marworno denotam a chegada, em fluxo contínuo, de pessoas de origem afro-guianense, supostamente fugindo das convocações compulsórias para a Segunda Guerra estabelecidas pelo governo da Guiana Francesa, atual território ultramarino francês na América. Vejamos o que relata o Senhor Koko Tavi:

> [F]oi a 1ª Guerra Mundial, vai durar com muito tempo de luta, muita gente vai morrer, de sofrimentos, de fome, de mizerio, disse para os indios, nô kale ke zat, thavai pu nô, majê, os indios respondeu na gíria Ayó tayho. Hai os negros embarcaram, morrendo de fome, na canôa, os indios deram farinha, deu caça, passaros, muquiado, comeu, deu xibé, bebeu, no mesmo dia voltaram para casa. Nessa mesma data, o cacique reuniu com o povo [...] Disse[ram]: — Nô vini di nô péy, Afrique, no mahô, dji Bhezil, igaiê 1º laque, ie ka bhiga, ie ka txiêbe um fam, pu kant elirn, âcam keyeh, si upole, ie ka txieu, ie ka txiebeu pu vâdeu pu guvelmã, pu thavai pu bôtxio, se upole thavai, axikot la do, uka thavai pu um pla mâje, nuyt kuju, pa gaiê reposo, uka fé exclave, amize, afê, apuça igaiê buku mun que mahô dji Bhezil, akôça kacike![5] Hai vinha nessas horas muitos indios, escuta[r] como os negros davam a notiçia triste [e] todos os indios fiquou sabendo, que tem guerra no Brasil, hai o kacique aceitou os negros, deu agasalho, deram alimentação, só que naquela época não tinha[m] nada, era uma vida ainda muito inzolada. Não tinha mosquiteiros, não tinha lenssol, não usava roupas, não usava pratos, nem colher, nem temperos. Não tinha diversas cultura do BRANCO, somente nas cozidas sem sal, e água, caça, passaros moquiados, todos sem sal, usava nessa época os pratos, kumâmu dji kumu, kumâmu dji kunânâ, comendo com a mão, não usavam farinha, somente beju, dormindo sem mosquiteiro, os negros aceitavam tudo, aceitavam os sistemas, as culturas dos indios (TAVI, [19--?]).

O relato parece demonstrar que os *Buschinenguê* (pretos da floresta), que habitaram historicamente diferentes topônimos das guianas francesa e holandesa (atual Suriname), buscaram fugir da guerra dos brancos (Guerra Mundial), internando-se mais longe da região costeira e chegando aos territórios indígenas onde foram acolhidos mediante decisão da comunidade Galibi reunida. É assim que, sendo aceitos pelo Pajé Uruçú:

> [O]s negros disse[ram] por isso, v[amos] ficar aqui se guardando até no final da 1ª guerra, na 2ª guerra, trabalhando com voçes, nas culturas de voçes, nas roças, carregando mandiocas nos costais, com jamaxir, fazer farinha com os indios, pescava, caçava, dançava, mexer farinhas, no forno, bota peixa na bôca

5 Cumpre esclarecer que trechos da narrativa que misturam a língua *kheuól* com expressões e onomatopeias em "Galibi antigo" são de difícil tradução, visto que poucos anciãos ainda detêm conhecimentos necessários para o trabalho.

> do forno. [Os negros] ficou acostumado, [mas] não deixava as falas deles, [então] com essas línguas os índios fic[aram] acostumados, aprendeu fala[r] as línguas kheuol, mais rápidas. [Em] 1929, chegou outros negros, nas áreas indígenas, esses negros que chegou depois da 1º guerra nas áreas indígenas rio Uaçá, fic[aram] muito tristes, de alimentação, de costume, das culturas, das falas, não comiam nada, não queriam beb[er] agua. Os negros anteriores disse[ram] para outros negros novatos, nos somos mesmas pessoas, mesmos sangue, aqui não tem comércio, nos estamos nos matos, no meio dos indios, nós não podem[os] reclamar, é melhor de que nós apanhar de xicote, pelo um pratos de comidas, trabalhar noites e dias, pelo um pratos de comida. Disse para outros negros, agora nós vamos morar debaixo dos matos, parar o combate, a guerra, nois aguardar para não nós enchergarem (TAVI, [19--?]).

O relato de Koko Tavi faz pensar que, para além da fuga dos afro-guianenses de possíveis convocações compulsórias para a luta nas guerras mundiais, podemos supor a existência de pessoas negras sendo vítimas de escravização nas regiões costeiras das guianas francesa e holandesa, na adiantada primeira metade do século XX. Tal hipótese é bastante verossímil para a[s] Amazônia[s] se lembrarmos que, por volta de 1950, o governo brasileiro não só permitia, como também legitimava a existência de condição análoga à escravidão para pessoas indígenas em diferentes partes do território fronteiriço à Guiana, por meio do indigenismo militarizado (BELTRÃO; BATISTA, 2018). No relato em tela, ambientado no alto rio Uaçá, afro-guianenses refugiados de distintas etnias aparentam buscar a invisibilidade que lhes permitiria sobreviver aos conflitos mundiais, no interior florestal, e sob a proteção dos territórios *amerindien*[6]. A sombra das grandes guerras que chegava ao território é confirmada pelo conhecimento e pela identificação detalhada das máquinas de produzir morte (Imagem 1), que podemos traduzir como dos *Karuãna*[7] "dos brancos":

> [O]s soldados da guerra venha, venha no navio, chegar[am] em frente do CABO ORÂNGE, espalham Barcos, lâncha, môtor de popas, avião, tem um avião chama-se por nome: ZEPELIN. Ela funciona com lênha, é cilênçioso, anda muito vagaroso, no ar, quando percebe[mos] já chegou ou já passou, é um avião de combate de 1º guerra Mundial e n[a] 2º guerra Mundial (TAVI, [19--?]).

6 Maneirismo linguístico comum nas localidades. Significado: Ameríndio.

7 Entre os povos do Uaçá, o termo *Karuãna* ou *Karuanã* refere-se a um ser não humano que habita o território desde tempos imemoriais. Esses seres com quem o Xamã/Pajé interage são descritos com morfologia de predadores. Por isso, também são chamados de "bichos" espirituais, quando designados em português. Os *Karuãna* podem ser agressivos ou terapêuticos, mediante o relacionamento que estabelecem com os Pajés – daí a alusão à possibilidade de serem utilizados como tecnologia bélica (BATISTA, 2019).

Imagem 1: Zepelim, aeronave também conhecida como *Blimp*[8], atracada a pouca distância do território *Marworno* na Base Aeronaval do Amapá, no contexto da Segunda Guerra Mundial



Fonte: FRATUS, 2021. Disponível em: www.topensandoemviajar.com/base-aerea-americana--amapa. Acesso em 20 jan. 2025.

De acordo com o relato oferecido por Koko Tavi, a máquina de guerra Zepelin/*Blimp* atuou tanto no que teria sido a Primeira quanto a Segunda Guerra Mundial, o que, por meio de uma leitura apressada de seu relato, poderia denotar uma falsa lembrança, ou seja, uma incongruência presente no seu relato que se revelaria quando confrontado com os fatos históricos conhecidos na localidade. Isso porque o tal Zepelim só chegou à região durante a Segunda Guerra, na ocasião em que o governo brasileiro cedeu aos estadunidenses uma porção daquele território para a construção de uma base militar no Amapá. Contudo, uma análise diacrônica e debruçada à forma, ao conteúdo e ao contexto da narrativa de Koko Tavi é capaz de notar um sentido de historicidade particular e uma interpretação de eventos no tempo que se distinguem daqueles que a comunidade de não indígenas convencionou adotar para o conflito – qual seja, o início, o meio, o fim e o intervalo entre um e outro conflito. Deste modo, tal e qual caracterizamos anteriormente, da perspectiva indígena, a contagem de tempo para os dois conflitos mundiais tende a mesclá-los em uma única narrativa, oferecendo, portanto,

8 A sigla *Blimp* vem do inglês e designa um Balão Aéreo Dirigível. No contexto da Segunda Guerra Mundial, a aeronave era inflada com gás hélio não inflamável, tornando a plataforma menos densa que o ar – daí a necessidade de estabelecer portos de atracação, a fim de mantê-las presas ao chão, a exemplo do que existe até o presente nas ruínas da base aérea do Amapá.

uma interpretação que irrompe com a perspectiva tradicional de dois ciclos nas guerras euro-centradas.

Para aqueles que preferem manter alguma assimetria que privilegia a lógica ocidental, é importante saberem que tal sentido de história encontra amparo mesmo no terreno do conhecimento não indígena. Eric Hobsbawm (1995), por exemplo, também indicou que a Primeira e a Segunda Guerra Mundial igualmente podem ser consideradas como um único conflito, uma vez que, de acordo com o historiador inglês, o período entre guerras correspondeu à preparação para um segundo momento da conflagração. Tal entendimento oferece um quadro que é consoante à interpretação do autor indígena. De qualquer forma, as evidências mnemônicas, somadas aos trabalhos de arqueologia histórica realizados pela equipe de Edinaldo Pinheiro Nunes Filho (2014), nas ruínas da Base Aeronaval do Amapá, conferem mais lastro à narrativa indígena (Imagem 2):

Imagem 2: Destroço de máquina de guerra que jaz nas ruínas da Base Aeronaval até o presente



Fonte: FRATUS, 2021. Disponível em: www.topensandoemviajar.com/base-aerea-americana--amapa. Acesso em 20 jan. 2025.

A construção da Base Aeronaval, constante do recém-declarado Território Federal do Amapá, é datada de 1940-1941, sendo notório o uso dos dirigíveis, cuja presença podemos constatar de forma ampla nos registros fotográficos de época. Tratam-se de aeronaves especializadas na localização e destruição dos submarinos nazistas, que perseguiam os navios

mercantes na costa brasileira (NUNES FILHO, 2014). A aeronave que Koko Tavi supunha ser movida a lenha, dado o silêncio com que se deslocava, deixou profunda impressão na memória Galibi e, a julgar pela narrativa, também causava pavor nos afro-guianenses da floresta, que buscaram proteção junto ao Pajé. É interessante perceber que, paralelamente ao pavor que os Zepelins provocavam na população afro e indígena dos territórios florestais, na zona urbana do município do Amapá, onde foi erigida a base de guerra estadunidense, a impressão e o efeito causado entre os não indígenas não foram diferentes, pois:

> [Q]uando apareceram as primeiras aeronaves a população ficou assustada ao ver tanta movimentação, pois, como foi dito anteriormente, a comunicação era precária e por isso não foram informados anteriormente o que iria acontecer no município com a construção da Base Aérea, bem como, o que significava aquela obra militar. Ninguém sabia que os aviões carregavam consigo equipamentos bélicos para a base de Natal, e dali sairia para o norte da África. Com o passar do tempo à população foi se acostumando com tanta movimentação [...] [O] que causou mais impacto foram os blimps pelo seu tamanho, segundo relatos, a princípio quando os moradores viram os primeiros blimps alguns pensavam que era o fim do mundo, pois jamais tinham visto algo tão grande e estranho por aqueles arredores (NUNES FILHO, 2014, pp. 311-312).

O avistamento de navios e máquinas de guerra na região costeira do Cabo Orange que causavam pavor aos *Buschinenguê* também faz parte do arcabouço argumentativo para a busca dos territórios indígenas do interior florestal, em que a proteção dos pajés indígenas era considerada essencial para a sobrevivência dos deslocados negros, como fica claro no discurso atribuído ao Pajé Urussú:

> [S]ou homem guerreiro, hai é comigo, não fico com medo, eu vou combater com eles, disse. Não tem navio, não tem avião, não tem lâncha, não tem motór, não tem soldados que vai nós escravizar. São eles que ser[ão] escravizados por mim, Pajé URUSSÚ! Todas as populações, os negros, fic[aram] alegres. Feliz[es], o Pajé URUSSÚ pediu para as populações indígenas, CAXIHI, chama-se CAXIXI, feito de mandioca, o pajé disse, eu quero todas as apresenta[ções] dentro de nossas culturas indígenas Galibi Marworno, de penas de passaro, tânga, Kohon, plumagê, pusseiras, kolares, adâm-nâ, usava jipe, vehese, mahetet, os jovem, as mãe, os pais, os negros (são culturas, dos negros mahetet). Representam nossas armas, nossas defesas, nossas tradiç[ões], nossas culturas, nossas forças, nossas danças, nossas etnias, nossas línguas, nossas pescas, nossas caças, nossas Gírias, nossas união, nossos costume, podem kre em mim, sou o Pajé URUSSÚ [...] disse Pajé URUSSÚ, eu sou guerreiro de verdade — Disse Pajé URUSSÚ, sou visível, invisivel, visivel, quando não canto, não danço, não bebo, mando buscar qualquer caça, passaro, peixes, tracaja, jacaré, porcos do matos, disse para os vizinho dele: qual cumidas voçes querem comer hoje? [...] Nessa mesma data — uma hora da noite apareceu de repente uma clareza, no ar, silenciosa, só braza mesmo, a fumaça, anda, muitos

> devagar, nessa época os negros ficaram muito ansiosos, com medos, chorando, eles disse[ram] na mesma ocasião, vamos fugir nos matos. O Pajé URUSSÚ disse, eu sou pajé guerreiro — Nínguem vai fugir, nada vai acontecer, se for a guerra, eu espero aqui mesmo, saiu muita gente, olhando como avião vinha, e saltando a braza dos fogos de lá de cima de dentro do avião, vinha com uma clareza no ar, muito grande. Hai os negros disse[ram] tem um tipo de avião de combate, anda com lenha, chama-se por nome ZEPELIM, é uma avião de guerra mundial, este avião anda o mundo inteiro arrodiando os indios, os negros fic[aram] muito preocupados, foram morar mais nos matos. Tinha dias que vinham falar com Pajé URUSSÚ, pedindo se ainda não vinha algum navio, algum avião de guerra, o Pajé URUSSÚ disse, ainda não, os indios, os negros ficar[am] muito contentes. Disse o Pajé URUSSÚ, quando eles venham eu vou da[r] um sinal, mandar um nevoado, um relâmpago pra avisa[r] voçes todos (TAVI, [19--?]).

Avançando mais nos manuscritos, fica a distinção entre uma primeira e uma segunda grande guerra, delimitada pela memória Galibi Marworno, principalmente por meio do contato com diferentes ondas de refugiados afro-guianenses que atravessaram o Baixo Oiapoque, em direção à margem brasileira. O testemunho não parece tratar de refugiados dos conflitos mundiais propriamente ditos, uma vez que o escudo das guianas não foi um palco importante de operações – se comparado ao desastre operado na Europa –, mas antes de pessoas evadindo da obrigação de ir morrer na guerra dos brancos, por meio de convocações compulsórias. Essa motivação diaspórica é difícil de ser encontrada na "história oficial" da Segunda Guerra, coincidentemente escrita às expensas e para a glória dos Aliados, e que propõe, inclusive, narrativas de heroísmo atribuído a pessoas e populações autóctones, que supostamente teriam se engajado na luta, junto aos Aliados, por puro "patriotismo". Uma possível pista para entender a fuga dos negros da floresta em direção aos territórios indígenas do interior guianense pode ser inferida pela arbitrariedade da política de convocação de soldados nas colônias. Além disso, a propaganda nazista do período entreguerras espalhou-se pelo mundo, deixando claro qual o destino reservado às pessoas não brancas.

Em seguida, apresentamos um cartaz alemão (Imagem 3) que considerava que "[s]em as colônias [o país] não [teria] matéria-prima" para manter-se como potência bélica e econômica, conforme o dístico proposto em língua germânica:

Imagem 3: Cartaz alemão de 1939, em que se denota o racismo utilitarista atribuído aos homens e mulheres africanos como produtores de matéria-prima em sistemas de *plantation*



Fonte: BRUIT, 1987.

DISTÂNCIAS E PROXIMIDADES ENTRE MEMÓRIA INDÍGENA E HISTÓRIA OCIDENTALIZADA

Se há muitos registros da atuação da máquina de guerra estadunidense na faixa costeira do Amapá – antes mesmo da declaração formal de guerra ser expedida pelo Brasil junto aos Aliados – também grassam resquícios imagéticos e materiais da atuação da máquina de guerra alemã no sul do território, sobretudo no atual município de Laranjal do Jari (Amapá, Brasil). Portanto, sabemos que os germânicos atuaram distantes do povo Marworno e dentro do território dos Apalai e Wayana, povos de origem igualmente *Karib*, historicamente territorializados entre o norte do atual estado do Pará e o sul do Amapá, entre as cachoeiras do rio Jari.

No filme nazista "Rätsel der Urwaldöhle" ("Enigma da Caverna da Selva", em tradução livre), produzido entre 1934 e 1938 (Imagem 4), finalmente encontramos o braço de Hermann Göring (então ministro da aeronáutica nazista) na Amazônia oriental guianense, quando ele

patrocinou uma suposta e confusa expedição científica ao rio Jari, efetivamente realizada por um grupo de "pesquisadores"[9] alemães e cerca de 50 guias indígenas a soldo:

Imagem 4: Documentário nazista "Rätsel der Urwaldhölle" (1938), que registrou a expedição de busca por rota ribeirinha que ligasse o rio Amazonas a costa guianense



Fonte: SCHMUNZELTV, 2014.

Das memórias e dos resquícios da atuação germânica na Amazônia brasileira, percebemos que os agentes alemães não detiveram uma ínfima parte dos recursos que detinham os estadunidenses na ilha do Amapa'Ú. Estes, por sua vez, moveram gigantesca logística para a implantação e equipagem de bases em diferentes pontos da costa atlântica brasileira, incluindo a do Amapá. Além de óbvios recursos financeiros para a contratação de guias, esses agentes alemães parecem ter disposto de somente um hidroavião e algumas toneladas de equipamento cinematográfico e de sobrevivência na selva (SERRÃO, 2014). A aeronave nazista que aparece na Imagem 5, sendo rebocada por guerreiros Apalai, logo se perdeu em acidente de pouso em um dos trechos encachoeirados do rio Jari, ficando os alemães absolutamente dependentes das canoas Caribe para concluir sua expedição.

9 O trabalho de André Gomes Julião versa sobre as expedições alemãs à Amazônia nesse contexto, abordando a boa recepção e posterior expulsão dos estrangeiros, mediante o desenvolvimento das alianças de guerra celebradas por Vargas. Para detalhes consultar Julião (2015).

Imagem 5: O hidroavião nazista que chegou à Amazônia amapaense por ocasião da Segunda Guerra Mundial

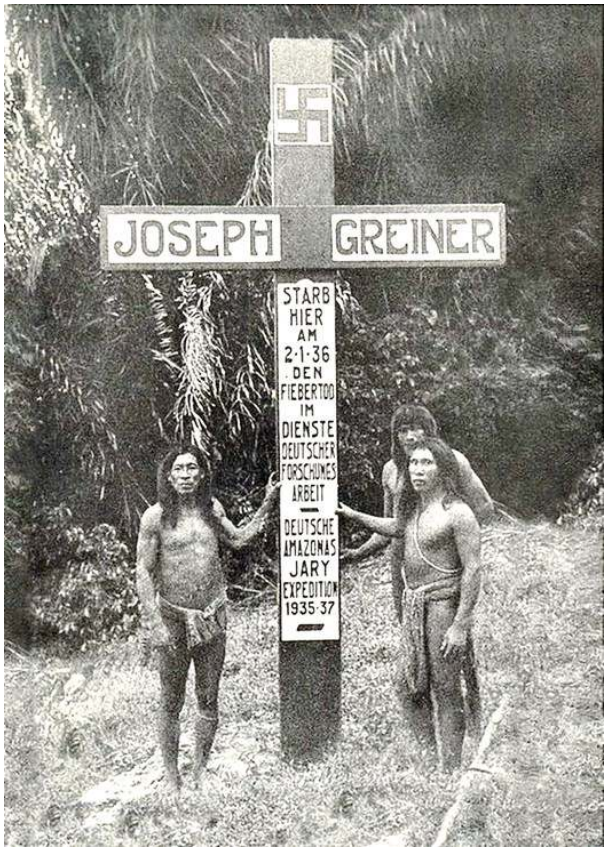


Fonte: SERRÃO, 2014.

De acordo com a pesquisa de Filipe Serrão (2014) – que inclusive menciona ter encontrado o diário de um dos pesquisadores alemães em um sebo em Belém (Pará, Brasil) –, a expedição, supostamente científica, tinha como real objetivo mapear uma rota ribeirinha que permitisse o movimento da logística de guerra alemã entre o rio Amazonas e a costa guianense. Sob a perspectiva germânica, a incursão à Amazônia terminou com parte de seus integrantes mortos por malária. No entanto, sob a perspectiva indígena, os alemães foram abatidos como punição, por terem alvejado um exemplar do Cobra Grande (*Eunectes murinus*) a tiros e enviado sua pele para a Alemanha[10]. Em que pesem todos os tecidos animais e vegetais que traficaram, teria sido a morte inadvertida de um exemplar do maior demiurgo amazônico que não os deixou sair impunes da floresta. O "cemitério alemão" (Imagem 6) onde ficou enterrada parte da equipe é ponto turístico procurado na atualidade por quem vai ao município de Laranjal do Jari, cidade amazônica limítrofe entre os estados do Pará e do Amapá:

10 Segundo o levantamento de Filipe Serrão (2014), estima-se que os alemães enviaram aproximadamente 1.500 artefatos arqueológicos, além de uma infinidade de amostras de tecidos vegetais e animais da região do rio Jari para o escrutínio da equipe de Göring, na Alemanha nazista.

Imagem 6: A cruz de madeira esculpida com suástica nazista, fotografada ao lado dos guias Apalai que a instalaram, demarca a sepultura de Joseph Greiner na margem paraense do rio Jari



Fonte: EDUCA FILME, 2014.

Voltando ao deslocamento afro-guianense narrado por Koko Tavi no norte do Amapa'Ú, há registros de um evento ocorrido em março de 1943 na Guiana Francesa, tornada alemã[11], em que teria ocorrido:

> [U]m levante espontâneo, mas recuperado por líderes antinazistas guianenses [que] acabou com a fuga do governador colonial e o apoio das novas autoridades provisórias à Resistência francesa do general De Gaulle. Aliás, um

11 Iuri Cavlak e Stéphane Granger (2014, pp. 190-192) apontam que a Guiana Francesa foi ocupada pelos nazistas e seus colaboracionistas, pelo menos de 1940 até 1943, o que motivou Getúlio Vargas, sob pressão dos Estados Unidos, a preparar um plano de invasão e anexação do território ultramarino francês ao Brasil. A invasão brasileira/estadunidense visava a prevenir possível "desembarque de tropas alemãs através da Guiana Francesa".

> dos primeiros integrantes da Resistência e da França Livre foi o governador colonial da África central francesa, de origem guianense, Félix Eboué, cujo exemplo muito influenciou os guianenses. A pedido das novas autoridades locais, a França Livre mandou um governador, Jean Rapenne, para administrar a Guiana e oficializar seu novo alinhamento. **Centenas de jovens franco-guianenses se alistaram no Exército da França Livre e combateram, na França e na Alemanha, depois do desembarque na Provença, em agosto de 1944**. A França Livre, tornando-se novamente República Francesa, foi reconhecida como a França verdadeira depois do derrubamento do governo colaboracionista, e considerada, como aliada dos EUA e do Reino Unido, um dos vencedores da 2ª Guerra mundial (CAVLAK; GRANGER, 2014, p. 74 [grifos nossos]).

Importa dizer que, quando escrutinamos a história narrada das federações afro-guianenses para a ladjé, a guerra antiescravista pelejada por pessoas negras contra agentes holandeses e franceses, em toda a faixa costeira das guianas (BENOÎT, 2019), podemos supor que não faria sentido para os *Buschinengê* – os pretos da floresta que há 300 anos lutam pela manutenção de um "país *Saamaka*" independente dos brancos e crioulos da faixa costeira – ir morrer nas guerras mundiais por um patriotismo que jamais lhes pertenceu (PRICE, 1983). Isso nos permite inferir também que, entre aquelas centenas de jovens franco-guianenses que "se alistaram" no exército francês para morrer no palco de guerra europeu, deve ter existido um contingente de pessoas engajadas à força, fato comum na história de praticamente todas as convocações de guerra dos países supostamente civilizados.

Como mencionamos anteriormente, a historiografia e a iconografia referente à Segunda Guerra Mundial são pródigas em registros de bravura e heroísmo por parte de pessoas e povos etnicamente diferenciados, tornados "patriotas imediatos" contra as forças do Eixo, quando se sabe que estes vivenciaram, antes e depois das guerras mundiais, conflitos internos contra os estados nacionais cerceadores de seus direitos socioterritoriais. Como exemplo disso, a indústria cinematográfica estadunidense registrou o engajamento de guerreiros Navajos[12] em luta contra os japoneses na Batalha do Pacífico, por volta de 1944. É sabido inclusive de estratégias, línguas e códigos de guerra indígenas que foram utilizados com sucesso pelos Aliados, mas o que não se sabe é que tipo de motivação ou arbítrio teria engajado essas pessoas, visto que a escrita da história da grande conflagração é monopólio dos Estados vencedores que, tão logo encerrada a Guerra Mundial, distribuem medalhas individuais e retomam a guerra de baixa intensidade contra os povos dominados no interior de suas possessões territoriais. Como lembra Krenak (2019), é guerra o tempo todo e em absolutamente todos os lugares e não há motivos para crer que os originários se sentissem entusiasmados com mais uma conflagração dos brancos.

12 Referimo-nos, especificamente, ao filme "Windtalkers" ("Códigos de Guerra", em português), de 2002, dirigido por John Woo, em que se retrata a história da participação de guerreiros Navajos no esforço de guerra, demonstrando o uso de línguas e códigos indígenas como determinantes para a vitória sobre os japoneses em 1945.

FRONTEIRAS TEMPORAIS DISTINTAS: INÍCIO E OCASO DAS GUERRAS MUNDIAIS

Para os que conhecem nuances da História/Memória Saamaka, bem como a base da etnicidade afro-guianense, é relativamente fácil identificar a origem do deslocamento em direção aos territórios e a busca pela proteção de seus aliados indígenas, visto que a Guerra Mundial não lhes pertenceu em nível algum. Nesse sentido, o território e a força do Pajé Guerreiro Marworno parecem ter conferido a proteção de que os negros da floresta necessitavam para escapar ao engajamento compulsório, pois não há registros de tropas ou conflitos militares no território indígena durante as duas grandes guerras, salvo o avistamento e eventual queda de máquinas de guerra que cruzavam os céus – o que é bastante verossímil, se considerarmos que a Base Aeronaval do Amapá foi um importante entreposto estadunidense durante a Segunda Guerra. Para a memória Marworno, aparentemente, a segunda grande guerra já estava iniciada em 1932, pois ela estava associada, em termos próprios, ao deslocamento das máquinas de produzir morte:

> [E]m 1932 começou [outra] guerra mundial, o paje URUSSU, manda avisa[r] todos os indios onde que esta[va], que esta começando a guerra no Brasil, novamente. Mas voçes meu povos não tenha medos, PAJE URUSSU, disse, eu estou pronto para combate, eu já stou preparado, eu [en]frento sou homem guerreiro, quando eles venha pra ca ão Norte, voces vai todos se guarda[rem] nos matos, eu vou ficar sozinho, na minha casa, com um meus filho. Disse, o homem guerreiro, meus irmãos, meus parente, eu vou luta[r], eu vou entra[r] no combate, nada vai aconteçer, disse [o] homem guerreiro, eu vou entra[r], com essas pessoas de guerra: 1º com trevoadas, com chuvas, com relâmpagos, o tempo vai ficar escuros, eu estou mandando avião [de] volta. Não tenha[m] medo, vai assumindo para outros rumos, quando venha entra[r] com a lancha deles, no rio Uaçá, vai entra[r] carapana nas costas [deles], mutucas, mordidas nas costas, cobras venha[m] subindo na lancha, o dia vai ficar muito calmo. O tempo vai ficar muito triste, outr[os] so[l]dados vai cai na água, morre[rão] afogados [...] Quando venha para cerca[r] o rio, o rio Uaçá vai fechar, tem outros navio [que] vai afundia na bôca do rio Uaçá, essas lancha, motor de popa, não vai poder entrar, vai voltar, vai encontrar gopés. Vai encontra[r] carapana, mutuca, morceg[os], tentativas [de] picada de cobra, picadas de Cabas brabos, desenterias, febres, e assim o paje URUSSU [atuou] no combate na 2º guerra mundial. Em 1933 — começou [outro] combate com paje URUSSU — **O paje URUSSU, não deixava lancha [nem] motor de popa entrar no rio Uaçá.** Mandava fechar os rio, os igarapes, liberava [as] cobras, mutucas, cabas, Formigas, morcegos, carapanãs [contra os soldados]. Os navios chega[vam] na bôca do rio Uaçá e [ali eram] fundiados. Muita gente cai[a] dentro d'agua, dessapareç[ia], morria afogada, hai volta[vam], [depois] vinham outros navios de combate, chega[vam] na ponta do cabo Orange, manda[vam] 3 lânchas, 5 motor de popas, vinha[m] entrar no rio tudo armados, vinha[m] ate na boca

> do rio Urucaua, deixa passar até na txipoca, o rio, os igarapes, todos esta[-vam] fechados, não [tinha] onde passar, **[os soldados] encontra[vam] muitas cobras, [que] venha subindo nos barcos deles, muitos brabos morcegos cai[am] nas pessoas para morde[rem]. [Era] horrivel, muitas cobras cai[am] neles e ferra[vam] eles, muito carapanã morde, morde[m] ele[s], muita mutuca que não tem tamanho morde eles. [Aí] volta[ram] nas lanchas, volta[ram] nos motores de popa, chega[ram] nos navio deles, tudos doente, com febre, com desenteria, com dor das picadas, das cobras, da mordida dos morcegos, das mordidas das mutucas, dos carapanãs, todos esbandalhados.** Hai o comandante do Navio, manda outros moto[re] de popa, outras lanchas e as pessoas morre[m], todo[s] afogado[s], os moto[res] de popa desaparecem, mandam [mais] 6 avião de combate espalhando no ar, **os avião vai embora, de repente o dia fica escuro, espoca uma chuva grossa, uma tempestade feia, relâmpagos, trevoadas, e os avião perde os rumos e outro bate na môntanha, outros [vão] cair no mãr, outros cai no centro das florestas, não volta nem uma avião**[13] (TAVI, [19--?] [grifos nossos]).

Nesse contexto de narrativa, a *Caba* provavelmente faz referência aos marimbondos e vespas que infestam a região do Uaçá. Nessa parte do relato, parece haver uma mobilização de fenômenos metereológicos, além dos animais físicos e espirituais e diferentes patógenos constantes do bioma de campos alagados do Uaçá, sobre quem, tradicionalmente, o Pajé Urussú exercia mando e controle mediante uma infinidade de acordos xamânicos. Segundo o relato, o guerreiro Urussú acionou todos os seus aliados não humanos em defesa de seu povo, a fim de impedir a iminente invasão dos soldados brancos.

Continuando na narrativa, percebemos uma nova e definitiva investida dos brancos, a saber:

> [O] Comandante do combate manda espalhar, avião [heli]coptero no ar, o que é besteira, **tem [heli]coptero que não [vai] voltar, tem avião que não volta[r]**[14], o Navio fica durante [um mês] na ponta do Cabo Oranje e volta, busca outros motor[es] de popa, outros avião, outros [heli]coptero de combate. O paje URUSSU, [responde] bota[ndo] uma cobra grande em frente da "môntanha de Kumahumã". Lá fora chama[m] por nome da Cobra-grande, "Puy puy hi", bota [outra] cobra grande frente do "iawhi", no mar, chama pôr nome da Cobra grande, "B iyua dji puy puy hi". Bota uma Cobra grande [em]

13 A queda de aviões de combate estadunidenses da Segunda Guerra Mundial no interflúvio Caciporé/Uaçá/Oiapoque é fato histórico registrado. Tanto o povo Galibi Marworno quanto os Palikur Arukawayne guardam memória dos sinistros e resgates de corpos, inclusive localizando no presente as carcaças de aeronaves B-29 e B-24 em seus territórios de caça (BATISTA, 2020). Sobre o assunto, consultar Bonalume Neto (1995).

14 Provável alusão às aeronaves de guerra estadunidenses abatidas nos territórios indígenas, cujas carcaças são encontradas nos territórios de caça dos povos Marworno, Karipuna e Palikur, até o presente momento.

> "frente da môntanho Alayâ", chama pôr nome da Cobra grande, CLIBI. O pajé URUSSU [também] bota uma "mãe da cobra Energia"[15] na [montanha] txipoca, chama-se por nome "mãe Eletrica da Energia" para protejer e [impedir] a entrada de pessoas de combate. Coloca uma [outra] no lago do "mahuene", que no lago Maruane pos outra mãe Eletrico da energia. Não tinha nada que dava conta do combate com o paje URUSSU, muita gente [morreu], afundava muito navio, lancha, motor, o rio Uaçá estava encantado [...] O paje URUSSU disse, que tem alguma coisa que aconteceu no mar, mataram o meu Biyua lapuciêm-puypuy-hi. O paje URUSSU, disse eu vou visitar lá a morte da cobra grande, chegou lá viu, subiu, acima na montanha kumarumã, no meio do mar, o navio da guerra ia passando olhou e viu a cobra grande, acima da montanha kumahumã, o comandante olhou no Bino[culo], disse e uma cobra, não sei se esta viva, ou morta, e uma montanha no meio do mar, só pedras, comandante disse ver mas perto, os soldados da guerra todos armados, no combate não [tinha] horas noite e dias, prontos para matar, pronto para morrer. Fez dois sinal, de Canhão, dentro do navio, não mexeu o corpo do bixos, disse est[ão] mortos, chegou perto da montanha, olhou bateu fotos, tinha 3 pedaços 1º 2º, 3º toras, o corpo da Cobra-grande, tamanho de um abidão, [ele] disse foi nosso Navio que passou por cima da cobra atorou fez 3 pedaços, disse nossa invenção está segura, esta bôm, vamos continuar, fazer outras invenções. Parou [a] 2º guerra (TAVI, [19--?]) [grifos nossos]).

A riqueza dos detalhes no texto de Koko Tavi demonstra que, a exemplo dos vizinhos Palikur Arukwayene, os Galibi Marworno interpretaram e se posicionaram ao estado de beligerância dos brancos em termos xamânicos. Desta forma, contrapondo às máquinas de guerra avistadas surgiram os "bichos-Karuãnas" do Pajé, que impediram a invasão de seu território e garantiram, por tabela, a proteção de seus aliados *nègre*. Nessa parte da narrativa, a descrição de soldados e helicópteros no interior do território (Imagem 7) também pode referenciar uma das muitas tentativas frustradas do exército brasileiro em identificar e instalar uma base avançada na fronteira com a Guiana Francesa (Guyane), o que teoricamente só ocorreria depois do encerramento da Segunda Guerra Mundial.

15 Trata-se de provável alusão a uma enguia elétrica marítima descomunal que habita o lago Marawane, um não humano constante da cosmologia do povo Galibi Marworno.

Imagem 7: Motor de um dos aviões estadunidenses B-26 que não voltou à sua base[16], conforme descrição de Koko Tavi



Fonte: GUEDES, 2022.

O fim da segunda grande guerra é marcado na memória do povo Marworno com o avistamento dos pedaços do Cobra Grande *Puy puy hi* (seu protetor xamânico), que aparece morto boiando na água, supostamente triturado pelas hélices e motores das máquinas de guerra dos brancos. Com a morte dos bichos físicos (cabas, morcegos e cobras), e também dos bichos "espirituais", os *karuãna* em forma de enguias e anacondas descomunais que protegem o território – seres que, sob a perspectiva ameríndia, compõem a tecnologia bélica do Pajé –, fica decretada a derrota do guerreiro Urussú e da própria instituição da pajelança. A partir de então, ocorre a entrada intermitente das tropas do exército brasileiro no vale do Uaçá, com a instalação de escolas, igrejas e a traumática experiência da Fazenda de Búfalos na ilha Soraimon, então veiculada pelo esforço combinado do Serviço de Proteção ao Índio e as tropas do Exército Brasileiro[17], naquela ocasião, sediadas em Oiapoque (Amapá, Brasil), principalmente a partir da década de 1940 (SILVA, 2020).

16 Tratam-se de destroços recentemente localizados na Terra Indígena Uaçá por uma missão do Exército brasileiro guiada por caçadores do povo Karipuna (GUEDES, 2022).

17 Para uma reflexão sobre o intervencionismo do Exército Brasileiro na região amazônica em função do legado luso-brasileiro de conquistas territoriais, bem como uma suposta ameaça de sua internacionalização, consultar Dhenin (2017).

À GUISA DE UMA CONCLUSÃO

Este artigo examinou algumas das memórias inscritas no diário pessoal de muchê Koko Tavi, falecido indígena Marworno também conhecido como Manoel Firmino. Não obstante as particularidades culturais ao narrar experiências vividas e das idiossincrasias do português indígena, este artigo sustenta que a análise das memórias mencionadas oferece uma perspectiva de contra-história ou antropologia reversa, escrita nos próprios termos Marworno. Esta, ao ser acessada por meio dos registros do memorialista ameríndio, é capaz de revelar uma lógica peculiar que entrelaça a vida local com o cenário internacional da segunda grande guerra. Sentidos de historicidade e marcações de tempo.

Por tais caminhos, o artigo apresenta, a partir da perspectiva Marworno, os impactos da Segunda Guerra Mundial na região, pois o período teria intensificado o processo de colonização e "abrasileiramento" da antiga Guiana luso-brasileira, através da ocupação territorial possibilitada pela implantação de bases aéreas e navais dos Estados Unidos na região. Conforme argumentado, as alianças diplomáticas entre Estados Unidos e Brasil nesse período teriam conferido ao Ministério da Guerra brasileiro o controle total do território da ilha continental do Amapá, atual ente federado brasileiro.

A respeito de uma história escrita em seus próprios termos, vê-se na narrativa de Koko Tavi que o conflito mundial dos não indígenas acabou por impactar os existires dos uaçauára, os habitantes da terra indígena Uaçá. À sua maneira, as vidas e as gentes daquela região agiram para se protegerem dos desastres da vida em um mundo regido pela lógica beligerante, predatória e compulsória do branco. Um ecossistema foi acionado, portanto, para que se garantisse essa defesa, o que envolveu uma aliança entre as dimensões do mundo espiritual, animal e biológico, desvelando pistas e sinais das zonas de contato amazônicas onde a luta pela existência uniu, uma vez mais, as pessoas indígenas e as pessoas afro-amazônicas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. *Keka Imawri: narrativas e códigos de guerra entre os Palikur-Arukwayene*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2019.

BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. *Keka Imawri*: narrativas e códigos da guerra do fim do mundo. Belo Horizonte: Comissão Mineira, 2020.

BELTRÃO, Jane Felipe; BATISTA, Ramiro Esdras Carneiro. Sr. Uwet, a tutela e o indigenismo. *Espaço Ameríndio*, v. 12, n. 2, pp. 10-26, 2018.

BENOÎT, Waddy Many Camby. [Entrevista e narrativas concedidas] a Ramiro Esdras Carneiro Batista, na zona urbana do município de Oiapoque/Amapá, 2019.

BONALUME NETO, Ricardo. Avião dos EUA é resgatado no Amapá. *Folha de S. Paulo*, 23 jul. 1995. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/23/mundo/14.html. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRUIT, Héctor Hernan. *O Imperialismo*. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1987.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?* 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAVLAK, Iuri. *Introdução a História da Guiana Francesa*. Rio de Janeiro: Macapá Ed, 2017.

CAVLAK, Iuri; GRANGER, Stéphane. Entre criação do Amapá e intercâmbios econômicos, as consequências da Segunda Guerra mundial nas relações entre o Brasil e a Guiana Francesa. *Fronteiras & Debates,* v. 1, pp. 67-80, 2014.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: UBU Editora, 2017.

DHENIN, Miguel. Democracia, Militares e Ambientalismo no Brasil: o redimensionamento do binômio segurança/desenvolvimento no pós-ditadura. In: COSTA, J. M. (org.). *Amazônia: olhares sobre o território e a região*. Amapá: Autograia, 2017, pp. 231-345.

EDUCA FILME. Expedição Nazista na Amazônia - Amapá. *YouTube,* 07 jan. 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=a_8JRWgkYbo. Acesso em 20 jan. 2025.

FRATUS, Alessandra B. A desconhecida Base Aérea Americana no Amapá. *Tô Pensando em Viajar,* 02 mar. 2021. Disponível em https://www.topensandoemviajar.com/base-aerea-americana-amapa. Acesso em 20 jan. 2025.

GUEDES, Júllio César. Exército encontra avião da segunda guerra: B-26 norte-americano encontrado no Amapá. *YouTube,* 10 fev. 2022. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=gELE8C2BmP8. Acesso em 20 jan. 2025.

HEINSFELD, Adelar. A fronteira: historicidade e conceitualização In*: RADIN, J. C. VALENTINI, D.J. & ZARTH, P.A. História da Fronteira Sul*. pp. 25-42. Chapecó: Ed. UFFS, 2016, p 25-42.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

JULIÃO, André Gomes. *Chô! Chô! Passarinho: a recepção brasileira às expedições científicas alemãs, 1933-1942*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade de São Paulo, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MEIRA, Sílvio. *Fronteiras Setentrionais: 3 séculos de lutas no Amapá*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NASCIMENTO, Bruno Rafael Machado. *Ad Majorem Dei Gloriam: Catálogo de Documentos Setecentistas das Missões Jesuíticas do Oiapoque para o Ensino de História no Amapá*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amapá, 2018.

NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. A base aeronaval norte-americana do Amapá-Brasil pós-Segunda Guerra Mundial. *Revista Portuguesa de História,* tomo 45, pp. 299-323, 2014.

PRICE, Richard. *First-Time: the historical vision of an Afro-American People*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1983.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SCHMUNZELTV. Riddles of the Jungle Hell (1938) - Em nome dos nazistas até o fim do mundo. 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cr0eXOtuMjs. Acesso em 9 jan. 2021.

SERRÃO, Filipe. *Expedição Nazista na Amazônia*. Amapá: Instituto Federal do Amapá. 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=a_8JRWgkYbo. Acesso em 17 jan. 2025.

SILVA, Meire Adriana da. *Galibi Marworno, Palikur, Galibi Kaliña e Karipuna: demarcando territórios e territorializações - Oiapoque/AP–Amazônia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Paulo, 2020.

TAVI, Koko (Manoel Firmino). *História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá: no passado de ontem – no presente de hoje*. (Manuscrito inédito). [19--?].

VIEIRA, Marina Guimarães. A descoberta da cultura pelos Maxakali e seu projeto de pacificação dos brancos. In: CUNHA, M. C. e CESARINO, P. N. (org.) *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2014.

BY NC SA